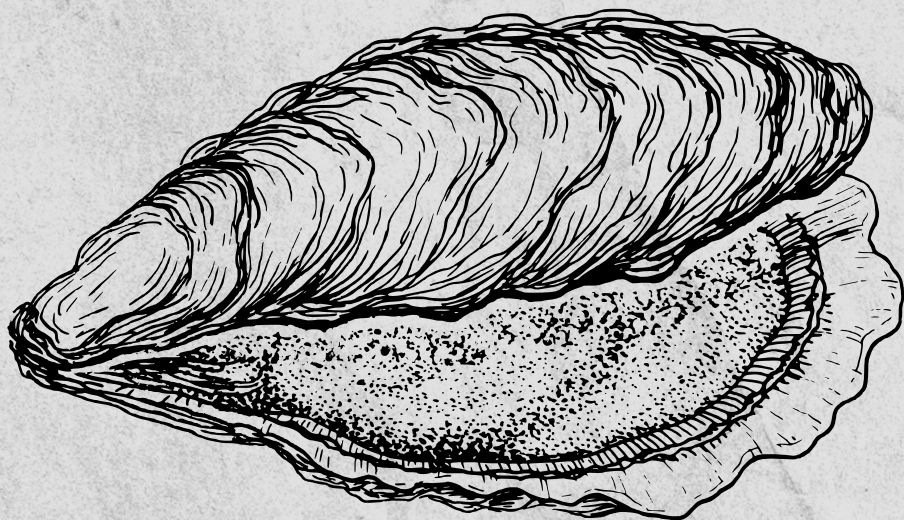


**ORGANIZAÇÃO:**  
MARIA LUIZA MORETTE & VITORIA PILON

*Cartografia de*  
**DOIS SOLOS**

ANTOLOGIA LITERÁRIA



**FACULDADE DE LETRAS DA  
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DE CAMPINAS**

**Maria Luiza Morette**  
**Vitoria Pilon**  
organizadoras

# **Cartografia de Dois Solos**

1.<sup>a</sup> edição

**Faculdade de Letras da PUC-Campinas**  
Campinas, SP • 2026

© **do texto:** A. Helena, Daniela Fernandes da Silva, Daniela Picchiai, Giovana Erthal e Robson W. Mendez, 2026

© **da edição:** Maria Luiza Morette e Vitoria Pilon, 2026

**Coordenação editorial:** João Paulo Hergesel

**Edição:** Maria Luiza Morette e Vitoria Pilon

**Diagramação e projeto gráfico:** Editora Jogo de Palavras

**Ilustração de capa:** Canva | *Livre para fins pessoais e comerciais*

### **Catálogo na publicação**

**Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166**

C328

Cartografia de dois solos: antologia literária / Organização de Maria Luiza Morette, Vitoria Pilon. – Campinas/SP: Faculdade de Letras da PUC-Campinas, 2026.

Autoras: Daniela Picchiai, Daniela Fernandes da Silva, Giovana Erthal, A. Helena.

Livro em PDF

ISBN 978-65-985398-9-4

1. Antologia - Contos, Crônicas, Poesias. 2. Literatura brasileira. I. Morette, Maria Luiza (Organizadora). II. Pilon, Vitoria (Organizadora). III. Título.

CDD 869.908

### **Índice para catálogo sistemático**

I. Antologia - Contos, Crônicas, Poesias : Literatura brasileira

Todos os direitos desta edição são reservados ao componente curricular *Projeto Integrador: Práticas Linguísticas Identitárias*, da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade de Campinas (PUC-Campinas).

## Prefácio

O amor cresce de diversas formas, nos mais diversos solos. Desde flores bem podadas, sem espinhos, de floração perfeitamente prevista, aos que nascem nos cantos de arbustos, no meio do asfalto, debaixo de janelas, pequenas intrusas que encantam os olhos mais bem treinados. O fato é: não há regras para a primavera sentimentalista que é se apaixonar.

A literatura queer, por sua vez, faz isso com uma maestria de abstração que poucos realmente consentem. Com linhas perfeitamente tortas, enfeitiçam aqueles que não entendem sua origem e os caminhos que levam ao sentimentalismo tão perfeitamente esdrúxulo e sincero do sexo pluralista entre dois seres de um mesmo propósito.

A ideia do projeto veio como a de qualquer outro grito autêntico: a verdade enfatizada no peito de querer compartilhar para além dos próprios olhos a beleza da curvatura feminina, sob as lentes de quem entende, não só por sentido, mas por comoção direta de noites mal dormidas repletas de sonhos febris, sobre suspiros que são retirados politicamente todos os dias.

Ler e principalmente escrever sobre mulheres é um ato político. Ler e escrever sobre mulheres numa perspectiva queer, é um grito de liberdade ainda contemporâneo, que sofre consequências de uma repressão antiga que, por muitos anos, apavorou aqueles

que tinham a coragem apaixonante de existirem sobre as camadas de seus respectivos *eus*.

*Cartografia de Dois Solos* é um projeto carinhoso, uma carta de amor, ainda que breve, aos que amam sem arrependimento. Lapidado por mãos de mulheres queers, e escrito por pessoas de diversas perspectivas da comunidade LGBTQIAPN+, essa é uma experiência da tentativa de dar voz aos que um dia tiveram medo de sentir além da caixa. Nossos autores são de idades diferentes, com propósitos diferentes e ideias distintas de uma mesma coisa: o amor e a atração sexual por mulheres, fora do que lhes fora imposto.

Esperamos que essa seja uma experiência sincera e que encante aqueles que não entendem, e aqueles que vivem. Que continuemos a amar e a plantar amor em lugares inusitados, no meio de camélias e pedras em cantos de portões.

As Organizadoras.

# Sumário

## **Racha**

*Daniela Picchiali* .....7

## **Mulheres**

*Daniela Dala* .....9

## **Bonita**

*Giovana Erthal* .....10

## **A natureza em nós**

*Robson W. Mendez* .....12

## **doença**

*A. Helena* .....20

<b>Sobre as autoras e o autor .....</b>	<b>22</b>
---	-----------

# Racha

*Daniela Picchiai*

Mulher

Lésbica

Um órgão

Partes

Separadas

Único nome

Lábios

Maiores e menores

Encontro

Racha

Em dois corpos

Raro desejo

Dois órgãos

Quatro lábios

Poça comum

A fenda se abre...  
E separa os corpos.

# Mulheres

*Daniela Dala*

Ó mulheres,  
Tão belas e formosas.  
Com curvas simples e avantajadas,  
Deusas mortais.

Mulheres, eu quero adorá-las,  
Quero cuidar e despejar o amor que em mim transborda.  
Divinas, seres angelicais,  
Com estilos tão diferentes, da bota mais alta até a sandália  
[mais linda.

Só uma mulher sabe o jeito certo de amar outra,  
Com tanta delicadeza e carinho,  
Cheio de coragem e desejo,  
Com o peito ardendo em chamas.

Mulheres, de corpos invejáveis,  
E de corações almejados.  
Não as quero só de pele,  
Mas todos os espinhos que reinam dentro.

Mulheres, aqui jaz uma amante.  
Amo a todas sinceramente.  
Mulheres, que palavra linda de pronunciar,  
Para seres tão mágicos, mulheres.

# Bonita

*Giovana Erthal*

Então, se me der mão, e um beijinho quiçá, eu te peço em casamento. Mas tem de se achegar de mim com o perfume azul rodeando o pescoço, com o sorriso ultrapassando a boca e o castanho dos olhos me desejando. É tiro e queda, amor. Sabe não de quanto me afeta, de quanto falo de você. Seu nome me é rotina até hoje. Difícil tratar no passado o que ainda se faz em mim. Quero é saber todas as fofocas que se tornaram íntimas de você. Na minha vida, o interesse não se desacostumou, ele persiste em absoluto conforto. Tento domá-lo, porque se deve – é o que me falam – criar gostinho de encerramento para o que se pôs fim. Mas, se atente aqui comigo, já não me acerto tanto em relação ao que se findou – não sei se algum dia vai se dar. E, por isso, mas também por todo o meu amor e por todo o meu desejo, eu lhe escrevo. Dou é corda para os pensamentos subterrâneos, os que sabem viver bem escondidos. Perdoe você o que faço. Foi dito que eu não devia, mas sempre me vi em dívida. Me pago ou estou a aumentá-la? Você conhece quem sou, eu não vivo de arrependimento. Não passo adiante o julgamento de que errei e me arrependo. Não é isso. O término, para mim, foi a opção mais respeitosa com o que éramos, era o que havia para preservar o bom que construímos. O que digo é que

ele não me encerrou no que sinto e a hipótese é de que nunca irá. Pensar que amor persiste me suspende desta vida mundana. O encontro tem de ser sempre de sorte, porque nunca conheci o azar. Passaria vez mais na encruzilhada onde nos percebemos. Ali me deixei sem receio qualquer. Fui sua, ainda sou de certo modo. Não deixo de ser. Teimo em assim continuar. Dizem que me dou assim por querer, numa tal insistência de não permitir que se passem as coisas e os sentimentos. Isso eu não sei se concordo, já que não me parece claro como o fazer. Não me faço para os outros, acho, me dou genuína a quem se dedica a me olhar. Antes de você, ninguém havia falado assim, com todas as letras, em completa desinibição, o quanto gostava de mim. Seu amor era transparente, tocava-me a mão, me aquecia te encontrar, como se você me fosse abrigo. Eu me desacostumara com essa ideia de amor que não precisa de apesares. Amor que se dá sem a espera de receber. Amor que escapa de comedimento.

## A natureza em nós

*Robson W. Mendez*

Em 1930, Nara veio ao mundo embaixo de uma mangueira em Belém, na hora mais quente do sol. A menina não chorava, ao contrário, praticamente nasceu sorrindo, e quem presenciou seu parto podia jurar que essa alegria era mais calorosa que o próprio sol. No mesmo dia, porém no Marajó, e na hora mais cálida do luar, Luana nasceu debaixo de um pé de açaí. A ventania da noite a abraça e a envolve como se ela e a menina fossem uma só. A recém-nascida não chorou, nem sorriu, mas ficou com os olhos abertos, bem escancarados. Ela observava tudo à sua volta com uma naturalidade surpreendente.

Em 1940, elas tinham dez anos. Em Belém não havia criança igual a Nara. Crescia no lugar mais hospitaleiro de todos, a cidade conhecida por ser repleta de mangueiras. Curiosamente, sua fisionomia divergia das dos demais. Seus olhos eram em um tom de verde folha, seu cabelo era cacheado e loiro, o traço mais semelhante ao de seus conterrâneos era sua pele escura, e essa ficava cada vez mais marrom. Era uma menina contente por natureza; por onde passava irradiava alegria. Ela adorava ficar ao sol, brincando. Às vezes, nem precisava fazer algo, gostava de estar sob o sol apenas por prazer. Também gostava da chuva, contudo, ela apreciava mais o sol. No Marajó, a

serenidade da Luana impressionava todos que estavam à sua volta. A menina era a calma em pessoa. Muitos estranhavam uma criança com um jeito tão sereno de ser; outros instigavam-se. Observadora, a menina estava sempre contemplando tudo e todos a sua volta. Às vezes, despretensiosamente, ela até encarava as pessoas do seu bairro. Alguns vizinhos se inquietavam, porém, a maioria não achava ruim ou reclamava. Porque, de algum jeito inexplicável, toda vez que Luana colava os olhos em alguém, a pessoa conseguia sentir, pelo menos um pouco, algo que só pode ser definido como uma terna placidez interior.

Aos 12 anos, se você procurasse a pré-adolescente Nara, certamente a encontraria na mangueira. Ela vivia junto da árvore, adorava subir na copa. Às vezes, ficava camuflada por entre os galhos, e podia permanecer horas ali que ficaria contente. Certa vez, perdeu a hora de voltar para casa e, com receio da bronca rigorosa da mãe, desceu mais depressa do que deveria. Caiu. Sua queda provocou um ferimento; a ardência não doía tanto, mas o que a afligia era que, quando a mãe a visse nesse estado, não deixaria que ela voltasse mais ali. Nesse exato instante, ocorreu-lhe um lampejo, como se a própria mangueira lhe soprasse a solução. Uma ideia que de tão estranha pareceu certa. Ela pegou a terra que ficava entre os pés da árvore e esfregou em seu ferimento. A ardência cresceu um pouco mais, porém logo a sensação amenizou até parar. Quando

chegou em casa sua mãe a repreendeu pelo horário, entretanto, não falou nada sobre a terra no joelho; era como se o machucado não existisse. Nara se surpreendeu; esse foi um dos momentos em que sua afinidade com a mangueira ficara ainda mais evidente para si. Afinal, não era qualquer mangueira, era a sua mangueira especial. Isso era quase conhecimento público, já que todos sabiam qual era exatamente a árvore. Zélia, a parteira da ocasião, está sempre contando o caso a quem quer ouvir. Adora espalhar a história do seu trabalho mais pitoresco. Ainda mais que a boca miúda repercute a historinha de uma outra garota que nascera na boca da madrugada, bem no pé de um açazeiro, parece que até no mesmo dia de Nara. Zélia era descrente dessa história, o povo sempre inventava moda para desmerecê-la, ninguém aceitava que ela era a melhor parteira do estado, tinham inveja dela (ao menos era nisso que ela acreditava). Aos doze anos, Luana descobriu que suas lágrimas eram diferentes. Descobriu isso em um de seus passeios ao igarapé. A quase adolescente ia sempre a esse pequeno lago escuro que ficava não muito longe da sua casa. E bem próximo do seu pé de açai. Aquele embaixo do qual ela nascera. Ia a qualquer hora, bastava ter vontade. Mas gostava de ir mais à noite, quando normalmente não havia ninguém. Depois que o sol se punha, o povo tinha medo de ficar lá. Menos ela. Luana gostava da quietude da água naquele horário. Ficava apenas ela, com a lua observando-a. O momento só

ficava melhor se chovesse; ela agradava-se muito com a chuva. Em certa ocasião, no caminho até o igarapé, algo no chão furou seu pé. A dor foi forte e aguda, e Luana lembrou imediatamente da mãe alertando-a de que não deveria andar descalça pelo mato. Porém, mesmo com dor, não desistiu de ir ao igarapé. Ainda que com passos vagarosos e a face com lágrimas caindo, conseguiu chegar ao seu destino. Aos poucos entrou na água. O gelado cutucou sua ferida e intensificou suas lágrimas. E misteriosamente ocorreu algo inesperado. O pranto de Luana misturava-se à água e modificava sua cor. O tom escuro dava lugar a uma cor mais próxima da prata. Ao vislumbrar isto, Luana admirou-se tanto que se esqueceu da dor. Sentia-se diferente, um diferente bom, mas, ainda assim, diferente. Encarou aquela paisagem por horas. O tom prata da água reluzia sobre a luz do luar: era lindamente inebriante.

Quando fez 15 anos, em 1945, Nara sangrou de uma forma como nunca havia sangrado. Mas inevitavelmente esse momento chegaria para ela. Sua mãe já havia lhe explicado sobre as regras que todo mês visitavam as mulheres. Era oficial, Nara era uma moça. Ela sabia o que viria a seguir, e não estava nada contente com isso. Sequer podia esconder a novidade da mãe, pois a mancha em sua roupa a denunciou. A mãe estava eufórica, sua filhinha virou uma mulher. Agora precisava casar. Pois a mulher decente é a mulher casada.

Longe dali, com apenas 15 anos, Luana já tinha o cabelo mais longo da região. A jovem e seus longos cabelos escuros, em um tom negro-violeta, chamavam atenção por onde iam. A mãe preocupava-se com isso, tinha receio que em um lugar tão distante do centro a menina sofresse alguma maldade. Era quase mulher, há um tempo já era até moça, e a mãe notara a forma como os homens olhavam para sua filha. Naquele lugar a maioria eram homens. A mãe temia, pois, sabe que uma menina bonita nunca está totalmente segura em um lugar cheio de homens. Movida por esse receio, ela decidira sair dali com a filha. Estariam mais seguras na capital. Os dias no Marajó logo terminariam, se mudariam para Belém o mais rápido possível.

Em Belém não há bons pretendentes, dissera a mãe. Por isso estavam saindo da cidade das mangueiras para a capital do Brasil, o Rio de Janeiro. Estavam em 1948 e o Rio era o lugar mais fervoroso do país. Nara já estava com 18 anos e sua mãe ainda tentava arranjar-lhe um casamento. Mas seus rigorosos critérios sempre retardavam a escolha de um noivo. Nara adorava isso, não queria se casar. Queria ficar em Belém, no seu lar. De algum modo ela sentia que a felicidade nunca a encontraria se ficasse longe daquele lugar, daquela terra, daquela sensação de casa. Ela já dissera isso à mãe, todavia o resultado dessa confissão foi bem desagradável. A mãe lhe bateu, brigou e depois perguntou, porque ela não podia ser como as outras moças.

Essa questão reverbera em Nara. Ela não se entendia muito bem, mas tinha certeza de que realmente não era como as outras moças. Era diferente, só não sabia muito bem como, nem até que ponto se distinguia das demais.

O melhor açaí de Belém era o do quintal da casa da Luana. Trouxera uma muda da árvore quando veio do Marajó. Plantou e ela cresceu rapidamente de modo vistoso. A jovem de 18 anos e sua mãe tinham um negócio próspero. Vendiam açaí. O açaí especialmente colhido do seu pé particular. Quem provava sempre queria mais, por esse fato, se consolidou como o melhor da região. As duas eram muito queridas no lugar, de tão bem entrosadas, parecia até que já moravam ali a vida toda. Mas Luana sentia falta de algo, só não sabia do quê. Frequentemente, ela olhava para o sol e sentia como se ele lhe pedisse algo que ela não conseguia entender. Essa sensação meio inexplicável e ainda sim saudosa era aplacada somente quando cuidava do seu açaí. Aquela árvore sempre lhe entendia. Estar junto dela, e às vezes sob a luz da lua, causavam-lhe uma ótima paz. Entretanto, sempre que o sol retornava, ele trazia de volta a saudade.

Não. Ela não se casaria com um homem asqueroso. Ela não se condenaria a uma vida infeliz. Ela não seria mais uma das mulheres que vivem a vida em nome de convenções. Demorou, mas decidiu que não seria essa pessoa. Ela seria a pessoa que não se machuca para agradar os outros. Era a década de 1950 e Nara fez 20 anos decidida

a fugir do casamento arranjado. Ela largaria o noivo, deixaria a mãe, renunciaria a tudo e voltaria para Belém, para sua casa, para sua mangueira.

Luana soube que havia uma pedinte perto de uma mangueira. Não qualquer uma, era justamente na mangueira mais famosa da região. Luana gostava da história da menina que nasceu debaixo dela, ficou fascinada desde a primeira vez que escutou uma de suas vizinhas, a parteira Zélia, contar o causo. Lembrava um pouco da sua própria história com o pé de açaí. Luana foi levar um pouco de água e alimentos quando viu ela ali. A moça loira de pele marrom terra. Nesse instante, o coração de Luana bateu de um modo como nunca havia batido. Tinha 20 anos e nunca sentira isso. Mas bem, eram os anos 1950 e diziam que tudo podia acontecer. A loira se assustou com a presença de Luana, mas aceitou o auxílio. Estava sem casa, sem parentes e tem um bom tempo que já não comia nada além de mangas. Elas sentiram uma forte sintonia. Pela primeira vez, Luana não sentiu saudade durante o dia. Era a primeira vez que Nara sorria de novo em muito tempo. Conversaram por horas até que a manhã passou, e junto da tarde veio a chuva. Elas se molharam e riram. Um riso genuinamente puro. Gargalharam e a felicidade transbordava entre elas. A compatibilidade que sentiam era incrível. Inigualável. Estavam encantadas uma com a outra, conectadas como nunca estiveram com nenhuma outra pessoa. Até que se olharam, e algo novo e

saboroso ocorreu entre elas, um beijo. Foi inédito, o despertar de sensações que elas jamais tiveram. Sentimentos que de tão belos, não tinham como serem errados. Era natural, era certo. Como se já estivessem predestinadas a se achar. Seus corações pulsavam isso, e a natureza ao redor confirmava. Mesmo sem saber, elas já se buscavam. O encontro delas fez brotar algo único, grande, especial: o amor.

Eram os anos 2024 e o casal belenense, Letícia e Nina foram passear pelas paisagens naturais que apenas a terra delas era capaz de proporcionar, aproveitaram principalmente para contemplar as árvores da cidade. Elas gostavam, em especial, de duas, uma mangueira e um pé de açaí que ficavam lado a lado. Tão próximos que pareciam entrelaçados. E por causa dessa visível, e singular conexão, havia uma lenda popular que os mais velhos propagavam. Diziam que eram um casal de mulheres antigas que eram encantadas, e tinham uma forte ligação com a natureza. E quando se foram, transformaram-se nessas árvores. Todavia, sendo um casal com um elo tão genuíno e intenso, as duas permaneceram juntas. Uma união improvável, açaí e manga, mas era Belém, terras de encantarias próprias, tudo aqui era possível. Letícia e Nina acham essa história bonita, se espelhavam nela. Gostavam de acreditar nessa ligação especial, nessa união tão forte quanto as raízes de uma árvore.

# doença

*A. Helena*

aceito minha doença.  
ao me deitar, ao sorrir, ao pensar  
ao me lembrar  
aceito minha doença

fujo do tratamento, nego aos berros,  
quebro as agulhas.  
me delicio em meio aos sintomas, respiro  
e aceito minha doença

procuro outras como eu, procuro sentir  
procuro ser aceita, que Deus me ajude  
e que não me cure  
pois aceito minha doença

aceito tanto minha doença,  
doença crônica à qual sozinha sobrevivi,  
que acreditam que eu não esteja doente  
doente de quê?

doente de fios castanhos, bochechas rosadas  
doente de olhos brilhantes, pequenos e ousados  
de risada bonita, de coração gentil

de toque suave, de essência noturna

se for doença, se for pra mal

então que me mate e me enterre em seus seios  
se eu não alcançar o de abraão,  
que me sirvam os seus, calorosos e abertos

aceito minha doença  
e que seja terminal  
que a leve junto, que piore comigo  
que morramos lado a lado

e se a luta contra ela me tomar muito,  
que os bons aceitem tudo o que já não tenho  
e como sonho tomei o grande desejo  
de ser internada

## Sobre as autoras e o autor

**A. Helena** é aspirante a jornalista, apaixonada por música e animaizinhos de estimação. Gosta de tudo que tenha a cor vermelha, é bissexual e aprecia muito literatura.

**Daniela Fernandes da Silva** é uma escritora paraense lésbica que ama escrever sobre o seu amor por mulheres e contos de terror. No seu tempo livre, gosta de ler livros de suspense com as suas irmãs e desacomular as matérias da faculdade.

**Daniela Picchiai**, moradora da cidade de São Paulo, é escritora, pesquisadora e professora universitária. Mestre e doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, tem publicado artigos, contos e crônicas em diversas revistas e jornais de arte e comunicação. Em 2024, lançou seu primeiro livro, *Crônicas de um fim*, pela editora Urutau.

**Giovana Erthal** é jornalista pela UFJF e mestranda em comunicação e cultura pela UFRJ. No Mestrado, pesquisa narrativas em áudio e, de vez em quando, publica textos literários. Nos últimos anos, esteve presente em edições da revista *Trama*, do jornal *RelevO* e da revista *Navalhista*.

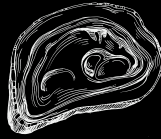
**Robson William S. Mendez** é nortista, natural de Belém/PA e graduando em Letras: Português pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Considera-se apaixonado por livros, romancista assíduo, curioso incorrigível, alguém que acredita no poder que existe em contar boas histórias. Crê que tem um forte elo com a literatura e um vínculo ainda mais intenso com a escrita.

### **Sobre as organizadoras**

**Maria Luiza Morette** e **Vitoria Pilon** são estudantes do Bacharelado em Letras: Português/Inglês pela Pontifícia Universidade de Campinas (PUC-Campinas). Organizaram esta antologia como atividade para o componente curricular *Projeto Integrador: Práticas Linguísticas Identitárias*.



Livro confeccionado no componente curricular Projeto *Integrador: Práticas Linguísticas Identitárias*, da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade de Campinas, publicado em maio de 2026.



Mais do que contos e poemas, mas uma possibilidade de se permitir sentir. O livro *Cartografia de dois solos* é uma celebração do amor queer e da feminilidade. Do que nos faz sermos nós mesmas. Uma oportunidade de sermos vistas, compreendidas e amadas livremente. Este livro é um convite para uma experiência emocionante, ir de encontro com o que há de mais bonito em você.

*Cartografia de dois solos* é um ato de coragem, resistência e liberdade. Um espaço aconchegante para ser vulnerável, que permite que cada leitora se sinta em casa, aceita e pertencente. Mais do que uma leitura, uma vivência coletiva e transformadora.



ISBN 978-650853089-4



9

786598

530894